

**COWORKING: Estudo bibliométrico no estabelecimento de um novo modelo de negócio****PAULO ISNARD**

FUMEC

PPISNARD@YAHOO.COM.BR

**JORGE TADEU DE RAMOS NEVES**

Fundação Pedro Leopoldo (FPL)

jtrneves@gmail.com

**JOSÉ MARCOS CARVALHO DE MESQUITA**

FUMEC

jose.mesquita@fumec.br

**COWORKING:****estudo bibliométrico no estabelecimento de um novo modelo de negócio****Resumo**

Este artigo visa correlacionar indicadores bibliográficos com etapas do desenvolvimento cronológico de um modelo de negócio emergente, o coworking, e também investigar, com base em dados secundários atuais, perspectivas e tendências nacionais e globalizadas deste modelo de negócio, baseado em trabalho cooperativo, considerado por alguns autores como um fenômeno de mercado em crescimento em diversos países. O artigo permite uma melhor compreensão das práticas, conceitos e dos termos envolvidos com o coworking distinguindo-os de outros modelos de espaço compartilhado. Serão apresentados dados secundários compilados que revelam as características que permitiram o surgimento, crescimento e a busca do estabelecimento do modelo de negócio, coworking. Os resultados apresentados permitem concluir que há uma indicação inequívoca de que o modelo de negócio coworking uma tendência sustentada.

**Palavras-chave:** coworking, trabalho cooperativo, espaço compartilhado, modelo de negócio.

**Abstract**

This article aims to correlate bibliographic indicators with steps of the chronological development of an emerging business model, coworking, and also investigate based on current secondary data, perspectives and national and global trends of this business model, based on cooperative work considered by some authors as a growing market phenomenon in several countries. The article allows a better understanding of the practices, concepts, and terms involved with coworking distinguishing them from other models of shared space. Compiled secondary data will be presented that exposes the characteristics that allowed the emergence, growth and the pursuit of an establishment of the coworking business. The presented results allow concluding that there is an unequivocal indication that the business model coworking a sustained trend.

**Keywords:** coworking, cooperative work, shared space, business model.



## 1 Introdução

Diante da intensificação da globalização e dos efeitos sobre o mercado de trabalho e de empregabilidade, surgem novos modelos de negócio contemporâneos, entre eles o trabalho cooperativo. A ruptura do modelo tradicional de trabalho e empregabilidade (Dantas, 2003; Dantas, 2006) é detalhada em tópico abaixo, entretanto objetivando aprofundar o entendimento do momento em que emerge o modelo de negócio coworking (Spinuzzi, 2012), este artigo refaz as etapas da quebra de relações sociais e do vínculo empregatício convencional (Capdevila, 2013) e situa cronologicamente os momentos em que cessam as hesitações ou dúvidas sobre o estabelecimento do coworking (Waters-Lynch, Potts, Butcher, Dodson, & Hurley, 2016).

O objetivo principal deste artigo é fundamentar o surgimento, crescimento e fixação do coworking como modelo de negócio de sucesso. Para tanto alguns objetivos específicos foram definidos e visam alicerçar tal premissa: 1) Realizar uma revisão sistemática da literatura objetivando definir os descritores coworking e trabalho cooperativo quanto aos autores, bases de dados e principais publicações; 2) Contextualizar o coworking no cenário de mercado de trabalho; 3) Analisar o estágio atual e tendências do mercado global e brasileiro.

Instigante, atual e desafiador são justificativas para a proposição do tema deste artigo. O tema mostra-se atual, por vezes incipiente, pois deriva de movimento com origem em 2005 e ainda em desenvolvimento com números que impressionam e merecem maior atenção. É desafiador, pois identificar na literatura científica material com qualidade suficiente para definir tendências e perspectivas é provocativo, pois o coworking é modelo de negócio dinâmico e ainda com muitas lacunas nas publicações. Também propõe especificamente analisar sob a ótica do trabalho cooperativo e de ruptura social, entretanto aspectos como incremento de produtividade, formação de redes de networking, estruturas físicas voltadas para o mercado brasileiro entre outras estão interligadas com o tema central o que por si só mostra-se instigante e com amplo espectro de pesquisa.

O artigo foi estruturado em tópicos a fim de recuperar as informações com maior assertividade e proporcionar melhor análise. A estrutura ficou assim: Neste tópico - Introdução, são citados aspectos gerais que serão estudados em detalhes nos próximos tópicos. “Metodologia” é o tópico seguinte em que são identificados, a partir de metodologia selecionada, os autores principais e as respectivas bases de dados. No tópico “Evolução do modelo de negócio” aborda-se a descontinuidade do modelo de emprego tradicional e situa-se o fator emergente coworking com base em princípios do trabalho cooperativo, e em continuidade o tópico “Perspectiva Histórica” fundamenta o estabelecimento do coworking corroborando com os detalhes citados no tópico anterior. Uma vez delineados os fundamentos deste modelo de negócio o tópico “Ambiente de Coworking” explicita modelos e Estruturas que possibilitam a interação entre os usuários de tal modelo extraindo sinergia entre as relações sociais internas ao ambiente de Coworking. No tópico “Crescimento do Coworking” são apresentadas análises quantitativas de tendências globais e no Mercado Brasileiro. O último tópico apresenta “Conclusões” a fim de validar os objetivos propostos e também possibilidades de Continuidade e pesquisas futuras.

## 2 Metodologia

Para situar as referências sobre coworking na comunidade científica, este trabalho utilizou indicadores bibliográficos estatísticos de dados quantitativos encontrados na produção técnica e científica. Este tópico do trabalho objetivou delinear um panorama direcionado para a produção científica do coworking, buscando identificar os autores mais relevantes, no caso (Moriset, 2014; Spinuzzi, 2012; Kojo & Nenonen, 2016) que serão mencionados abaixo, com procedimentos operacionais baseados na evolução histórica do



número de publicações e as principais abordagens que cobrem coworking (Café & Bräscher, 2008).

Devido à relevância deste procedimento metodológico, adotou-se aqui a seleção com base no ranking, elaborado a partir do Google Scholar, do índice H. Para os autores (Café & Bräscher, 2008), índice H5 de 8: e o índice H5 de 54 para os autores (Chen, Ye Sho. F. R, 1986): Fonte: <https://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/metrics.html#metrics>, em 22/abril/2017.

Além da identificação dos autores, os procedimentos utilizados neste trabalho foram baseados em Bradford que objetiva conhecer o núcleo de periódicos que publicam sobre coworking, e percebeu-se que poucos periódicos produzem muitos artigos e muitos periódicos produzem poucos artigos. A Lei de Bradford mostra que a partir de um grupo de periódicos dispostos em ordem decrescente, pode-se identificar um cluster principal de títulos, neste caso as publicações divulgadas em Deskmag (foi considerada a principal publicação sobre coworking nos Estados Unidos em 2015 (Waters-Lynch et al., 2016) e Ephemera.

No que diz respeito às principais contribuições dos autores, a base deste trabalho foi na Lei de Lotka, os identificados foram: (Moriset, 2014; Spinuzzi, 2012; Kojo & Nenonen, 2016), citados no início deste tópico, também foram oriundos de publicações relevantes segundo o índice H. Com índice de H5 de 15 para o autor (Spinuzzi, 2012). Com índice de H5 de 17 para (Leclercq-Vandelannoitte & Isaac, 2016).

Para completar a identificação nas publicações, foi utilizado para mensurar a frequência com que o string coworking aparece nos textos científicos, justificando sua representatividade, a Lei Zipf, uma vez que esta lei trabalha com palavras tratadas isoladamente, sendo que é importante observar uma limitação no sentido de que os resultados obtidos poderiam ser alterados utilizando-se outros critérios. Destaque para a diferença do número de publicações no ambiente de pesquisa Google Scholar em relação aos periódicos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na Tabela 1, a tabulação dos dados da pesquisa dos descritores “No título” e, ou no “Corpo do texto”:

**Tabela 1: Pesquisa dos descritores**

<b>STRING</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>PERIODICOS CAPES (126 bases)</b>		<b>GOOGLE SCHOLAR (exceto patentes)</b>	
CO-WORKING	2017	75		308	
	2016	116		2070	
	ATÉ 2016	2358	<b>2.549</b>	11900	<b>14.278</b>
* CO WORKING (CO WORKING - -WORK)	2017	23		41	
	2016	118		355	
	ATÉ 2016	1593	<b>1.734</b>	1940	<b>2.336</b>
COWORKING	2017	39		223	
	2016	90		1100	
	ATÉ 2016	354	<b>483</b>	3900	<b>5.223</b>
			<b>4.766</b>		<b>21.837</b>

Fonte: o autor, em 26/abril/2017.

Para tal tabulação adotou-se como critérios, a marca “\*” na pesquisa do string “co working” indica o artifício utilizado para a pesquisa com o string exato, também na pesquisa



dos periódicos CAPES, segmentou-se por “Periódicos revisados por pares” e para a pesquisa no Google Scholar as três maneiras distintas da sintaxe de coworking, a fim de expor as relações de concordância entre os strings. A Lei de Zipf também destaca que existe uma economia do uso de palavras, o que significa que, se a tendência é usar o mínimo, elas não vão se dispersar, no caso do coworking, evidencia-se o uso desta com a grafia “coworking” em detrimento de palavras como: “third spaces”, “espaços compartilhados” ou “escritórios compartilhados” como abordado em tópico posterior na sequência deste trabalho, pelo contrário, uma mesma palavra vai ser usada muitas vezes, e as palavras mais usadas indicam o assunto do documento, neste caso coworking.

Uma das principais dificuldades, encontradas por se tratar deste tema que ainda é incipiente, embora os números da pesquisa sejam relevantes, não se refere à aplicação das leis utilizadas neste trabalho, Bradford, Zipf ou Lotka, mas sim à existência de fontes secundárias confiáveis, o que pode causar certa interpretação dúbia nos dados coletados. Quanto à sintaxe, cabe destacar que o hífen é realmente considerado uma distinção não trivial dentro do espectro do coworking. O hífen é útil para diferenciar o uso específico do termo coworking dos antigos significados de “co-trabalho”, como um sinônimo genérico para colegas, ou membros da mesma organização.

As três leis adotadas neste trabalho, tratam de distribuições de documentos técnicos e científicos que possuem características similares. Estas distribuições são interpretadas tomando por base dois conceitos principais. O núcleo que representa o grupo de elementos que aparecem mais frequentemente em um conjunto de referências bibliográficas estudadas (Deskmag e Ephemera), e a dispersão que representa o número de elementos no conjunto de referências bibliográficas estudadas, vide Tabela 1 (Rodrigues & Godoy Viera, 2016).

Quanto às bases de dados utilizadas é relevante citar que além da padronização relativa aos dados de descrição física também foram padronizadas as linguagens para descrição de conteúdo, visando auxiliar no levantamento. A pesquisa realizada em 148 bases científicas disponíveis no portal de periódicos CAPES.

### **3 Evolução do modelo de negócio**

Ao longo dos anos o conceito de coworking vem evoluindo e alguns autores considerados seminais (Moriset, 2014; Spinuzzi, 2012; Kojo & Nenonen, 2016), retratam detalhadamente as consequências destas mudanças. Coworking é um elemento social complexo (Capdevila, 2013), pois são escritórios físicos onde os trabalhadores de diversos segmentos independentes partilham como locais de trabalho, entretanto o fluxo de informações (Isnard, 2010), de diferentes vertentes de segmento econômico, permite interpretar o coworking como mais do que o acesso ao espaço físico e instalações, pois torna-se um atrativo aos participantes, o que intriga estudiosos (Spinuzzi, 2012).

A maioria das citações situa 2005 como ano definidor quando o termo coworking tornou-se identificado com as práticas de trabalho compartilhado (Spinuzzi, 2012 & Capdevila, 2013). Alguns também estabelecem laços culturais entre as práticas de coworking e iniciativas anteriores Berlim em 1995 e Viena em 2002 e Bernard DeKoven citado por (Pozzebon, 2011) também usou o termo coworking para descrever o trabalho produtivo conjunto, para aproveitar o entusiasmo de participar de uma comunidade criativa (Uda & Abe, 2015), embora DeKoven nunca tenha aplicado o termo para caracterizar as empresas de coworking.

A perspectiva histórica remete a três origens distintas comumente tratadas de práticas de coworking (Leclercq-Vandelannoitte & Isaac, 2016), e, se essas práticas são uma resposta lógica às mudanças históricas (Gerdenitsch, Scheel, Andorfer, & Korunka, 2016) nas condições socioeconômicas de trabalho, é provável que outros exemplos possam surgir com o tempo (Dantas, 2006). A primeira ocorre em San Francisco, onde em 2005 um programador





de computador, Brad Neuberg, citou um novo tipo de espaço de trabalho e chamou de co-working (com hífen) (Gandini, 2015), a concepção comparava o trabalho em home office onde Neuberg afirmava que em casa, ganha-se maior independência, mas sofre-se a solidão e maus hábitos de não estar em uma comunidade de trabalho.

Esta primeira tentativa foi limitada e não prosperou, entretanto gerou interesse suficiente para inspirar outros modelos. O segundo espaço chamado Hat Factory (2007) criado por Jay Dedman e Ryanne Hodson que também teve desenvolvimento restrito e limitado, e ainda, Chris Messina e Tara Hunt (Brodie, 2017) para abrir também em 2007 um terceiro espaço chamado Citizen Space (destacado na Figura 1), este proporcionou o desenvolvimento dos valores de coworking dentro do contexto que este trabalho definiu como foco. Esta retórica é válida sob a perspectiva dos Estados Unidos, mas, como observado por (Deskmag, 2017), há exemplos anteriores como Schraubenfabrik de Viena (originalmente UnternehmerInnenzentrum) e a Dinamarca LYNfabriikken em 2002.

Com os impactos causados pelo acesso democratizado às informações, surgem formas não padronizadas e, ou não convencionais de processos de negócios e de emprego altamente individualizadas (Dantas, 2006). Isto levanta a questão de até que ponto os trabalhadores são encorajados (Santos, Mesquita, Neves, & Bastos, 2016) a encontrar novas formas de exercer atividade profissional em um ambiente não coletivo (Dantas, 2003). Com uma atuação profissional fragmentada e por vezes fora de um ambiente convencional, do que se estabeleceu como organização, algumas transformações e impactos exigem adequação neste novo ambiente visando à empregabilidade.

Da mesma forma, estes impactos influenciam diretamente o ambiente de negócio das empresas, tanto em competitividade como em produtividade (Gandini, 2015). Neste contexto, surge o fenômeno de difusão do conceito “espaços compartilhados” de trabalho (Spinuzzi, 2012), os coworking spaces. A disseminação das práticas de coworking transformou este em um business de sucesso (Kojo & Nenonen, 2016), proporcionando expectativas elevadas quanto à melhoria das condições de negócios e dos resultados dos usuários deste tipo de ambiente de negócio.

É possível observar que ao longo das últimas décadas, a globalização e a mudança tecnológica alteraram as relações entre localização geográfica e atividade econômica muito impulsionada pelas inovações tecnológicas, em especial nas comunicações que permitem uma reconfiguração das interações entre indivíduos e instituições nos domínios do trabalho (Castells, 2007 & Waters-Lynch et al., 2016).

Como consequência desta modificação na atividade econômica oriunda da reorganização geográfica, o enfraquecimento de estruturas sociais baseadas em classes (Bauman & Pallaes-Burke, 1993), remete uma vez mais um modelo de negócio com base em relacionamentos associativos e formas de identidade coletivas, o que parece ser, e carece de investigação mais detalhada, uma das vantagens de trabalho baseada em um ambiente de coworking.

Mesmo com ressalvas de alguns críticos que têm focado particularmente no isolamento e no individualismo fragmentado, muitas vezes exacerbadas por modelos de trabalho coletivos baseados em uso intenso de tecnologia da informação (Bauman & Pallaes-Burke, 1993 & Dantas, 2006 & Nascimento & Neves, 1999) o que, segundo estes não são necessariamente uma nova forma de negócio e sim um efeito paralelo da vida urbana contemporânea (Groot, 2013), é possível identificar uma orientação o sentido deste modelo de trabalho como segundo (Gandini, 2015 & Spinuzzi, 2012), um dos mais destacados desses novos conceitos de formato de trabalho, e uma tendência global, é o coworking, que os mesmos definem como uma prática de trabalho compartilhado em que há frequentemente cooperação, intencional ou não (Granovetter, 1973), entre os usuários.



O termo coworking (Pozzebon, 2011), representa um novo formato de trabalho com base em cooperação e colaboração alicerçado em tecnologias, não diz respeito, entretanto, apenas ao movimento de se criar espaços físicos de trabalho, embora, o termo tenha sido empregado historicamente (Waters-Lynch et al., 2016) para descrever atividades de trabalho que incentiva a prática colaborativa entre indivíduos, ou uma nova prática de trabalho, derivada de ideia de rompimento com o modelo convencional de organizações empresariais e de trabalho contemporâneo (Dantas, 2003), uma vez que coworking representa essencialmente uma nova atmosfera de trabalho conjunta (Moriset, 2014).

Com efeito, devido a ser um recente modelo de trabalho e de negócios e por vezes incipiente, é importante cronologicamente identificar e diferenciá-lo de uma coleção mais ampla de outros conceitos como home office ou “third places”, por exemplo. O termo “third place” é utilizado para referir-se a encontros informais entre o home office (“first places”) e o local de trabalho produtivo, a empresa chamado de “second places” (Spinuzzi, 2012) & Waters-Lynch et al., 2016). “third places” (cafés e livrarias, por exemplo), não estão relacionados num ambiente colaborativo ou produtivo.

Nesta consideração, os “third places” não são coworkings, no entanto, esta separação social tornou-se significativamente desfocada nos últimos (Capdevila, 2013). Derivado deste fato há uma variedade de espaços que se situam entre o local de trabalho doméstico e a empresa e que facilitam a atividade produtiva formal ao lado das interações sociais informais, muitas vezes intencionais, o que caracteriza um ambiente propício a um aumento de produtividade com o uso de informações oriundas de dados processados (Isnard, 2010). Esta evolução torna-se manifesta como demonstrado na Figura 1 adaptado de Deskmag, 2017:

**Figura 1: Cronologia da nomenclatura do Coworking**

Year	Category	Example	Location
1959	Business Incubators	Batavia Industrial Centre	New York City, USA
1978	Serviced Offices	Servcorp	Sydney, Australia
1992	Hacker Spaces	L0pht	Boston, USA
2005	Coworking Spaces	Citizen Space	San Francisco, USA
2005	Maker Spaces	Maker Magazine & Maker Faires	San Francisco, USA
2005	Startup Accelerators	Y Combinator	Cambridge, & Silicon Valley, USA
2012	New Learning Spaces	General Assembly	New York City, USA

Fonte: (Deskmag, 2017)

#### **4 Conceituações propostas**

A conceituação de coworking gera diferentes interpretações entre pesquisadores acadêmicos, e a polissemia de definições e inclusive de sintaxe, direciona a busca de convergência para conceituação padrão a ser adotada em pesquisa futuras. Cita-se na literatura: Coworking (Gandini, 2015), coworking-spaces (Bouncken, Andreas, & Reuschl, 2016), Co-working (Kojo & Nenonen, 2016), “Co Working” (Spinuzzi, 2012), em busca da padronização, definiu-se coworking neste trabalho, como explicitado no tópico anterior.

Livros não científicos sobre coworking descrevem de várias maneiras (Quandt, 2016), por exemplo, como “um substantivo próprio para um movimento”, “espaços para combinar as



melhores partes de um ambiente de trabalho - comunidade, colaboração e acesso às infraestruturas comuns”.

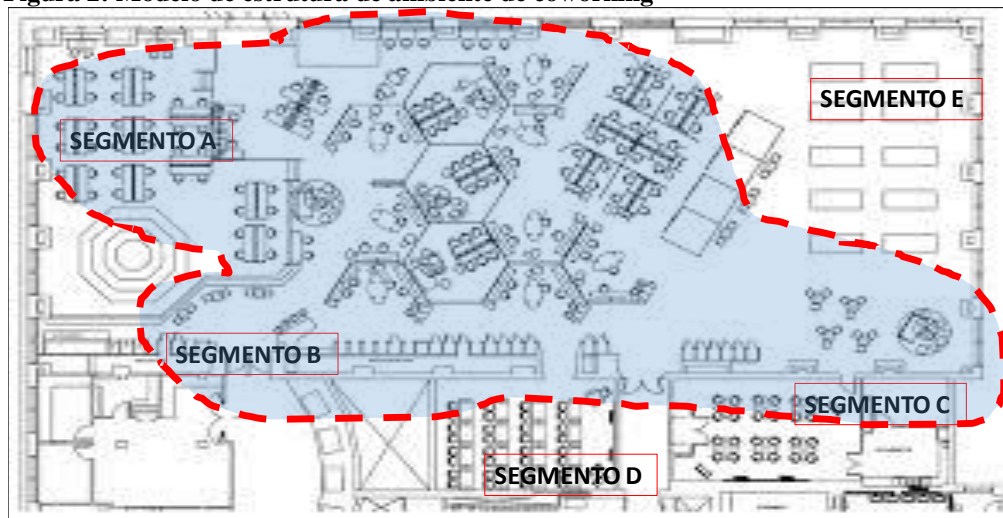
Definições acadêmicas, no entanto, balizam os aspectos abordados neste trabalho, e na busca da competitividade em um ambiente de coworking, uma das evoluções é a cooperação entre os usuários do mesmo espaço físico, e neste sentido a força dos laços fracos (Granovetter, 1973) citado por Isnard, 2010. Quando se analisa o vínculo e o relacionamento entre indivíduos dentro de um mesmo ambiente social de trabalho e a intensidade deste relacionamento (Granovetter, 1973), conceitua laços (vínculos) fortes e fracos. Neste contexto, cita noções sobre a potência desta conexão interpessoal, e considera intimidade e envolvimento emocional como fundamentais para diferir os conceitos.

Integrando o conceito citado em um ambiente de trabalho colaborativo, vínculos fracos, poderiam ser derivados de indivíduos atuando em segmentos menos rentáveis de mercado, seriam aqueles menos íntimos e esporádicos, ao contrário dos laços fortes (interpretados como segmentos mais importantes economicamente representados) que seriam mais intensos, a ponte, significada pelo incremento de produtividade, que seria a influência desta conexão e relacionamento entre um indivíduo com laço forte e um com laço fraco, e cita uma espécie de ligação local entre um segmento e outro será tão mais significativa como uma conexão, que é a definição de cooperação utilizada por (Spinuzzi, 2012) em coworking, entre dois segmentos de atuação distintos.

Sendo assim o laço fraco, se torna mais relevante à medida que proporciona mais pontes locais uma vez que dentro de um ambiente de coworking possa existir empresas de segmentos considerados fortes e fracos como contextualizado por Granovetter, permitindo que empresas de segmentos menos representativos economicamente sejam tão importantes ou mais que os maiores sem, no entanto subestimar a necessidade de que os contatos pessoais são relevantes.

Aparentes contradições sociais e paradoxos estruturais evocam o conceito de coworking que são vistos como uma ambivalência em torno de questões de espaço físico (geografia) e trabalho cooperativo a fim de incremento na produtividade (identidade). Esta dicotomia permite definir um espaço criativo e difuso que diferenciam-se das demais interpretações, promovendo um "inovador individualismo" (Moriset, 2014; Waters-Lynch et al., 2016). A Figura 2 representa uma alternativa de configuração de ambiente de coworking, com a possibilidade de interação entre diferentes segmentos de atuação:

**Figura 2: Modelo de estrutura de ambiente de coworking**



Fonte: o autor





Ainda, a definição “Lugares Diferentes para Atividades Distintas” (tradução própria para *Different Places for Distinct Activities*) (Spinuzzi, 2012) é o conceito mais difundido sobre o coworking, citando atividades distintas e contraditórias, sob a ótica de que coworking concilia interesses dividindo os espaços físicos. Este conceito aborda três configurações diferentes (Capdevila, 2013). Primeiro, “Espaços Comunitários” visando atender as comunidades locais, oferecendo espaços com infraestrutura adequada para os habitantes locais a trabalhar lado a lado. Segundo, “Unoffices” com o objetivo de incentivar discussões, reuniões e sociais interações e geralmente recriar a dinâmica de escritório para os trabalhadores independentes, e o terceiro conceito que mais se aproxima do objetivo deste trabalho denominado “Federated Spaces” que visam explicitamente promover relações de trabalho e colaboração formal entre os membros.

Diante das evidências citadas neste trabalho desta evolução, é possível constatar concordâncias e discrepâncias entre os principais conceitos apresentados pelos autores citados, ainda assim, mesmo nas discordâncias mantem-se uma correlação bem-sucedida, por vezes com conotações distintas, em que apontam o modelo de negócio praticado pelo coworking um exemplo de sucesso. O Quadro 1, sintetiza estas exposições a fim de proporcionar um melhor entendimento e comparação destas definições.

Para Groot, o coworking não é um modelo de negócio e sim um efeito paralelo da vida urbana contemporânea (Groot, 2013) com o que concorda Pozzebon ao citar que trata-se apenas de uma modalidade de trabalho conjunto (Pozzebon, 2011), não obstante a despeito da opinião contrária de outros autores, ainda percebe-se nestas citações um fato novo no que tange ao ambiente de trabalho e uma possibilidade de acréscimo na interação entre os ocupantes deste espaço, pois para Granovetter o ambiente social provoca uma intensidade no relacionamento podendo resultar em ganho de produtividade (Granovetter, 1973).

Embora Spinuzzi trate o ambiente de coworking como espaço compartilhado, percebe-se que nas citações do mesmo que há possibilidade de maior cooperação entre os integrantes deste espaço o que faz deste um ambiente de cooperação (Spinuzzi, 2012), mesmo afirmando que os integrantes trabalham sozinhos mas há criação conjunta.

Quando se refere a concepção, Moriset cita o espaço criativo que diferencia-se das demais interpretações de compartilhamento de espaço (Waters-Lynch et al., 2016), proporcionando um novo ambiente e consequentemente um novo modelo de negócio (Moriset, 2014), com o que corroboram as citações de Kojo e Nenonen ao afirmarem que trata-se efetivamente de um business de sucesso (Kojo & Nenonen, 2016) e apontam o coworking como uma tendência global.

Esta pesquisa confirma as citações ao apresentar dados que possibilitam a verificação de que de fato, o crescimento e estabelecimento no nível global é um evento verídico.

**Quadro 1 – Estabelecimento de comparação**

<b>AUTOR</b>	<b>SÍNTESE DA DEFINIÇÃO</b>
Castells	interações entre indivíduos e instituições nos domínios do trabalho
Gandini	prática de trabalho compartilhado em que há frequentemente cooperação
Granovetter	ambiente social de trabalho e a intensidade deste relacionamento
Groot	não são necessariamente uma nova forma de negócio e sim um efeito paralelo da vida urbana contemporânea
Kojo & Nenonen	business de sucesso
Moriset	espaço criativo e difuso que diferenciam-se das demais interpretações
Pozzebon	o trabalho produtivo conjunto
Spinuzzi	“espaços compartilhados” de trabalho



A respeito do desenvolvimento no Brasil, citou-se a falta de legislação específica, a imitação de modelos que obtiveram sucesso no mercado americano e a dificuldade de se obter números definitivos em função de ser assunto recente e ainda em fase de assimilação pelo mercado corporativo, embora tenham sido apresentados dados classificados de maneira que permite concluir que o segmento está em plena expansão com crescimento superior a 50% em média em 2016.

Também foi possível caracterizar o coworking de maneira a destacar seus benefícios principais a partir de uma infraestrutura compartilhada, quer seja pelo aspecto do uso conjunto de recursos, ou pelas vantagens derivadas de um trabalho individual em ambiente coletivo, que por meio de relacionamento e interação entre os diferentes indivíduos e segmentos de atuação, estabelece uma ponte entre os usuários tornando o ambiente atraente e competitivo. Este último é o principal benefício apontado no trabalho.

## 5 Perspectivas

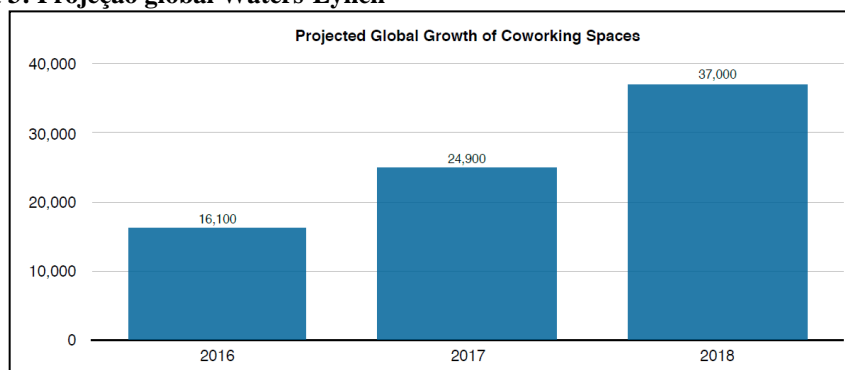
O surgimento dos coworkings no cotidiano urbano contemporâneo sugere que as práticas de coworking podem efetivamente fornecer potencial para o crescimento deste modelo de negócio (Groot, 2013). O coworking pode ser considerado a manifestação de uma reflexão geral sobre o trabalho que tem suas raízes no compartilhado e colaborativo incorporados (Marx, 2016). No entanto, uma abordagem às práticas de coworking parece ser igualmente dicotômica bem como sugerido por (Moriset, 2014) & (Gandini, 2015), que indica a possibilidade do coworking ser apenas uma bolha temporária.

Alguns autores citam o argumento de coworking ser tão atraente quanto elusivo, na medida em que ainda não há confirmação da maturidade do negócio (Fost, 2008). Esta ideia se contrapõe a de outros autores que indicam que trata-se de fenômeno irreversível (Brodie, 2017; Gerdenitsch et al., 2016; Spinuzzi, 2012; Gandini, 2015).

Os estudos mais influentes e recentes no contexto das indústrias criativas (Gill e Pratt, 2008) citados por (Waters-Lynch et al., 2016) mostraram como o trabalho cooperativo é em grande parte incrementados com espaços físicos comuns, sem, no entanto citar o conceito de coworking, que ainda apresentava-se em fase embrionária (Medina & Krawulski, 2012). A difusão ocorreu em diversos países e não apenas como uma dimensão física, mas principalmente permitindo a atuação de novos intermediários para a produção de valor, potencializando assim a rentabilidade dos negócios.

Em consonância com os autores que acreditam na evolução do coworking, embora com projeções dispares, é evidenciado na Figuras 3,4 e 5 a tendência de continuidade do desenvolvimento do coworking. Números globais citados por (Waters-Lynch et al., 2016):

**Figura 3: Projeção global Waters-Lynch**

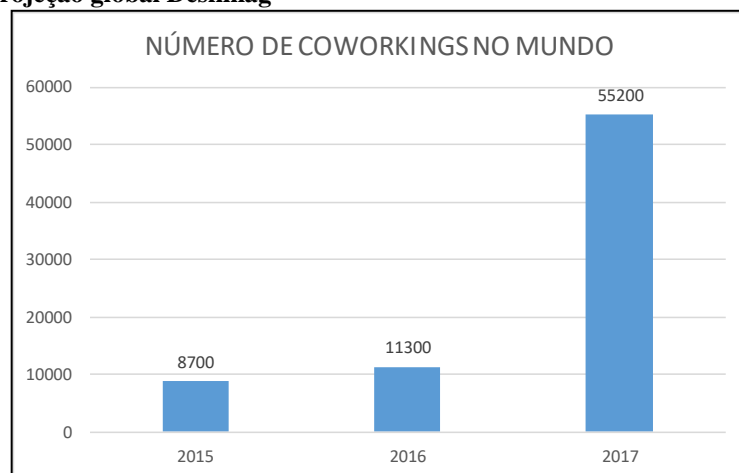


Fonte: (Waters-Lynch et al., 2016)



A revista especializada em coworking (Deskmag, 2017), apresenta projeções mais otimistas em nível mundial:

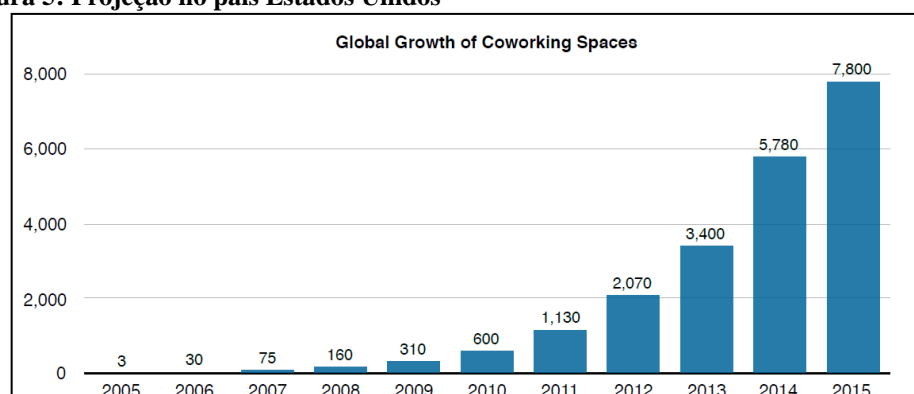
**Figura 4: Projeção global Deskmag**



Fonte: o autor, projeção com base em Deskmag, 2017

Para (Waters-Lynch et al., 2016) os números nos Estados Unidos são:

**Figura 5: Projeção no país Estados Unidos**

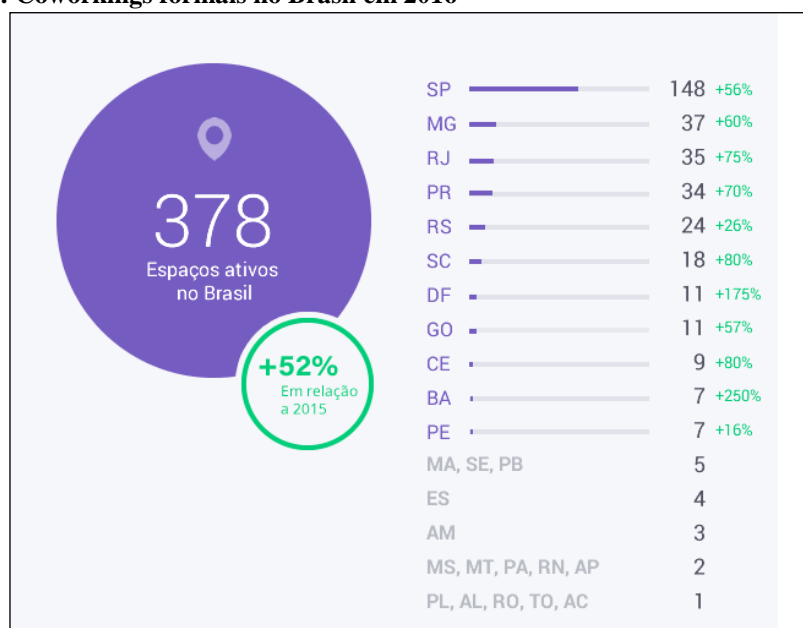


Fonte: (Waters-Lynch et al., 2016)

### Mercado Brasileiro

No Brasil, o panorama o coworking também deriva de um espaço compartilhado e devido à limitação de publicações específicas afirmar e precisar informações sobre o assunto é restrito e normalmente relacionado e comparado ao mercado americano e europeu.

Em 2010 usuários brasileiros destes espaços ainda estavam aprendendo como funcionava o coworking, conforme apontado em “Os números do censo COWORKING no Brasil 2016” (Coworking Brasil, 2017a), a partir de então, um grupo de empreendedores se reuniu e criou o projeto Coworking Brasil (Considerada a maior comunidade brasileira de coworking [www.coworkingbrasil.org](http://www.coworkingbrasil.org)), apresentou dados oficiais valiosos para balizar este trabalho, cita-se que, de dezenas de coworkings formais e legalizados existentes em 2010, o crescimento até 2016 foi da ordem de quatro vezes, atingindo 378 em novembro 2016 (Coworking Brasil, 2017a), conforme Figura 6:

**Figura 6: Coworkings formais no Brasil em 2016**


Fonte: Censo do Coworking no Brasil (Coworking Brasil, 2017a)

A respeito da legalidade e formalização do coworking no Brasil, não tem associadas a sua abertura obrigações específicas de licenciamento e obrigações, de fato as exigências legais são similares a de uma empresa de prestação de serviços, submetendo-se evidentemente ao licenciamento regional de prestação de serviços. O código nacional de atividades econômicas define para este tipo de atividade o CNAE 8211-3, embora não haja a especificidade na legislação.

A partir de 2015, as projeções brasileiras são mais otimistas e segundo o jornal Valor Econômico (Jornal comercial de circulação nacional ativo em 2017) edição de 31 de janeiro de 2017, o crescimento foi superior a 50 %. Devido ao rápido crescimento do segmento de coworking no Brasil, nova e recente (divulgação em julho/2017) pesquisa foi realizada e até apenas até março de 2017, houve crescimento superior a 100% com relação aos números de 2016 (Coworking Brasil, 2017b). Vide Figura 7:

**Figura 7: Números atuais de Coworkings formais no Brasil em 2017**


Fonte: Censo do Coworking no Brasil (Coworking Brasil, 2017b)

Quando se observa as cidades que apresentaram maior crescimento, as capitais ocupam lugar de destaque segundo o “Censo Brasil de 2016” Coworking, 2016), Curitiba-PR teve evolução de 150 %, Rio de Janeiro com 68 % e Belo Horizonte teve 50 %. Sem aprofundamento da análise não é possível identificar os fatores que proporcionaram tal alavancagem, mas é possível verificar que trata-se de promissor modelo de negócio que merece investigação.





## 6 Conclusões

A essência da origem e estabelecimento do coworking pode ser caracterizada de maneira objetiva à medida que atende uma demanda de mercado devido ao esgotamento do modelo de trabalho convencional. O coworking apresenta-se como um modelo de negócio e de trabalho que pode permitir colaboração em ambiente compartilhado.

Este trabalho evidenciou, após identificação e revisão na literatura, os estágios de surgimento, evolução e concepção deste novo modelo de negócio, apontando a estrutura e o ambiente compartilhado, onde pode ser alcançado resultado significativo de trabalho colaborativo. Os objetivos propostos foram atingidos e foram detalhados nos tópicos Evolução do modelo de negócio, Conceituações e Perspectivas.

O objetivo principal da presente pesquisa foi fundamentar o surgimento, crescimento e fixação do coworking como modelo de negócio, o que acredita-se ficou evidenciado no transcorrer da pesquisa. O objetivo específico de realizar uma revisão sistemática da literatura foi atingido quando permitiu-se correlacionar indicadores bibliográficos com etapas do desenvolvimento cronológico do negócio coworking.

Também para atender o objetivo específico de contextualização do coworking no mercado de trabalho, o estudo buscou e identificou os autores seminais e as principais bases de dados em que estão disponíveis publicações técnicas e científicas sobre o assunto coworking e trabalho cooperativo associado à ambiente de trabalho compartilhado, em complemento ao panorama bibliográfico foram apresentados números sobre a quantidade de material técnico e científico disponível em tais bases, de onde foi possível conceituar as origens, a evolução e o estágio atual do coworking inserido no mercado de trabalho.

Ao investigar o objetivo específico sobre tendências do mercado global e brasileiro, a pesquisa permitiu concluir que há uma inclinação generalizada para a disseminação do uso do coworking como alternativa contemporânea de modelo de negócio

### **Considerações finais e sugestão de trabalhos futuros**

Diante das limitações de publicações e de indicadores confiáveis no período da pesquisa, uma nova coleta de dados em posterior pesquisa de campo ou estudo de casos múltiplos poderia dar maior margem de segurança nas interpretações.

O aprofundamento da análise, e a busca a partir da polissemia de conceitos sobre esta “interação organizacional” e troca de informações, cita-se pelo menos três distintos, “organização do conhecimento” derivado de Choo, “criação do conhecimento” de Nonaka, Takeuchi, citados por (Santos et al., 2016) e (Pozzebon, 2011) e “gestão da informação” de (Isnard, 2010) um conceito padrão a ser utilizado como gestão da informação, poderia respaldar a investigação deste trabalho, avaliando lacunas e contradições.

O desdobramento da pesquisa sobre gestão da informação no contexto do coworking, poderá ajudar a elucidar os aspectos sobre geração do conhecimento em redes de colaboração (Siekierski, Paulette; Lima, 2016) em um ambiente que proporcione compartilhamento de informações.

Também delinear, por meio da evolução cronológica, os estágios de gestão da informação alavancada pela tecnologia da informação dentro do contexto do ambiente de coworking, para que haja subsídio para o desenvolvimento ou adaptação de um modelo e, ou ferramentas para avaliação da eficiência e eficácia no resultado dos negócios vinculados a um coworking, com o objetivo principal de aplicar o modelo na amostragem definida visando validação e aprimoramento da ferramenta.



## 6 Referências

- Bauman, Z., & Pallaes-Burke, M. L. G. (1993). **A Sociedade Líquida** - Zygmunt Bauman. *Folha de S. Paulo*, 1–10. Retrieved from <https://xa.yimg.com/kq/groups/18914010/1417167775/name/ZYGMUNT+BAUMAN.pdf>
- Bouncken, R. B., Andreas, B., & Reuschl, J. (2016). Coworking-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship. **Review of Managerial Science**. <https://doi.org/10.1007/s11846-016-0215-y>
- Brodie, R. J. (2017). Commentary on CoWorking consumers: Co-creation of brand identity, consumer identity, and brand community identity. *Journal of Business Research*, 70, 430–431. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.07.013>
- Café, L., & Bräscher, M. (2008). Organização da informação e bibliometria. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia E Ciência Da Informação*, 13, 54–75. Retrieved from <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005001&dd1=a1757>
- Capdevila, I. (2013). Knowledge dynamics in localized communities: Coworking spaces as microclusters. *SSRN Electronic Journal*, (JANUARY 2014), 1–18. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2414121>
- Castells, M. (2007). **Communication , Power and Counter-power in the Network Society**, 1(June 2006), 238–266.
- Chen, Ye Sho., L. F. (1986). A relationship between Lotka's Law, Bradford's Law, and Zipf's Law. *Journal of the American Society for Information Science*, 37(5), 307–314. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(198609\)37:5<307::AID-ASI5>3.0.CO;2-8](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(198609)37:5<307::AID-ASI5>3.0.CO;2-8)
- Coworking Brasil. (2017a). **Censo Coworking 2016 analisa o mercado brasileiro**. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/censo/2017/>. Acesso em: julho 2017.
- Coworking Brasil. (2017b). **Censo Coworking Brasil 2017**. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/censo/2017/>. Acesso em: julho 2017.
- Dantas, M. (2003). Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo. **Lua Nova: Revista de Cultura E Política**, (60), 05–44. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452003000300002>
- Dantas, M. (2006). Informação como trabalho e como valor. **Revista Da Sociedade Brasileira de Economia Política**, (19), 44–72.
- Deskmag. (2017). COWORKING. In **DESKMAG SURVEY** (2017th ed.).
- Fost, D. (2008). They 're Working on Their Own, Just Side by Side. **The New York Times**.
- Gandini, A. (2015). The rise of coworking spaces: A literature review. **Ephemera: Theory and Politics in Organizations**, 15(1), 193–205. <https://doi.org/1473-2866>
- Gerdenitsch, C., Scheel, T. E., Andorfer, J., & Korunka, C. (2016). Coworking spaces: A source of social support for independent professionals. **Frontiers in Psychology**, 7(APR), 1–12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00581>
- Granovetter, M. S. (1973). Granovetter - The Strength of Weak Ties.pdf. **The American Journal of Sociology**, 78(6), 1360–1380.
- Groot, J. (2013). **Coworking and Networking- How sharing office space contributes to the competitiveness of independent professionals**. MSc Thesis (Afstudeerscriptie)
- Kojo, I., & Nenonen, S. (2016). **Typologies for co-working spaces in Finland** – what and how? *Facilities*, 34(5/6), 302–313. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/09564230910978511>
- Leclercq-Vandelannoitte, A., & Isaac, H. (2016). The new office: how coworking changes the work concept. **Journal of Business Strategy**, 37(6), 3–9. <https://doi.org/10.1108/JBS-10-2015-0105>
- Marx, A. (2016). **The Ecosystem of Urban High-Tech Entrepreneurs in Munich** . *Coworking Spaces and their spatial configuration* . Technische Universität München.
- Medina, P. F., & Krawulski, E. (2012). **COWORKING como modalidade e espaço de trabalho: uma análise bibliométrica**, 181–190.



- Moriset, B. (2014). Building new places of the creative economy The rise of coworking spaces. **2nd Geography of Innovation International Conference 2014 Utrecht University, Utrecht, 23-25 January 2014**, 24.
- Nascimento, N., & Neves, J. R. (1999). A Gestão do Conhecimento na World Wide Web : reflexões, 29–48. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 4, p. 29 - 48, jan./jun.1999
- Pozzebon, M. (2011). **Relações e práticas que sustentam o trabalho colaborativo e qual o papel das novas tecnologias: GOMA, um espaço de coworking inovador**, 1–22.
- Quandt, C. O. (2016). **Collaborative Capability in Coworking Spaces: Meaning and Challenges for Stakeholders**.
- Rodrigues, C., & Godoy Viera, A. F. (2016). Estudos bibliométricos sobre a produção científica da temática Tecnologias de Informação e Comunicação em bibliotecas. **InCID: Revista de Ciência Da Informação E Documentação**, 7(1), 167.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v7i1p167-180>
- Santos, P. R. dos, Mesquita, J. M. C. de, Neves, J. T. de R., & Bastos, A. M. (2016). Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia TT - Insertion in the labor market and the employability of graduates in Library. **Perspectivas Em Ciência Da Informação**, 21(2), 14–32. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2563>
- Siekierski, Paulette; Lima, M. (2016). REDES INTERNACIONAIS DE COLABORAÇÃO , PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO E FATOR DE IMPACTO – UMA RELAÇÃO VIRTUOSA. **Anais do V SINGEP – São Paulo – SP – Brasil**.
- Spinuzzi, C. (2012). Working Alone, Together: Coworking as Emergent Collaborative Activity. *Published in Journal of Business and Technical Communication*, 26(4), 399–441. <https://doi.org/10.1177/1050651912444070>
- Uda, T., & Abe, T. (2015). **A Descriptive Statistics on Coworking Spaces in Japan**. Retrieved from <http://hdl.handle.net/2115/60456>
- Waters-Lynch, J. M., Potts, J., Butcher, T., Dodson, J., & Hurley, J. (2016). **Coworking: A Transdisciplinary Overview**. Available at SSRN 2712217, 1–58.  
<https://doi.org/10.2139/ssrn.2712217>